

PRAZER E SOFRIMENTO DE TRABALHADORES READAPTADOS APÓS ACIDENTE DO TRABALHO

PLEASURE AND SUFFERING OF READAPTED WORKERS AFTER WORK ACCIDENT

PLACER Y SUFRIMIENTO DE LOS TRABAJADORES READAPTADOS DESPUÉS DEL ACCIDENTE DE TRABAJO

Érika Maria Izaias¹, Paloma de Souza Cavalcante Pissinati², Maria José Quina Galdino³, Maynara Fernanda Carvalho Barreto⁴, Sonia Silva Marcon⁵, Maria do Carmo Fernandez Lourenço Haddad⁶

RESUMO

Objetivo: desvelar os sentimentos de prazer e sofrimento de trabalhadores readaptados após acidente do trabalho. **Métodos:** pesquisa qualitativa realizada com seis trabalhadores readaptados de uma universidade pública. Os dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas, submetidos à análise de conteúdo e discutidos à luz da Psicodinâmica do Trabalho Dejouriana a partir das pré-categorias: sentimentos de prazer e de sofrimento dos trabalhadores readaptados após acidente do trabalho. **Resultados:** o prazer esteve relacionado ao apoio recebido por colegas de trabalho, ao reconhecimento das novas atividades desenvolvidas e de sua capacidade laboral. Já o sofrimento decorreu da desvalorização do trabalhador pela instituição, sobrecarga de trabalho, inadequação de funções e não aceitação das limitações por membros da equipe. **Conclusões:** conhecer relatos decorrentes dos processos de readaptação funcional devido aos acidentes do trabalho permite planejar ações de vigilância que promovam saúde e prazer no ambiente laboral.

Descritores: Readaptação ao emprego; Saúde do trabalhador; Emoções.

ABSTRACT

Objective: to unveil the feelings of pleasure and suffering of workers who have been readapted after an occupational accident. **Methods:** qualitative research conducted with six readapted workers from a public university. Data were collected by semi-structured interviews, subjected to content analysis and discussed in the light of Dejourian Work Psychodynamics from the pre-categories: feelings of pleasure and suffering of workers readapted after work accident. **Results:** the pleasure was related to the support received by coworkers, the recognition of new activities and their ability to work. The suffering resulted from the devaluation of the worker by the institution, work overload, inadequacy of duties and non-acceptance of limitations by team members. **Conclusions:** knowing reports resulting from functional readaptation processes due to occupational accidents allows the planning of surveillance actions that promote health and pleasure in the workplace.

Descriptors: Employment, Supported; Occupational Health; Emotions.

¹ Enfermeira. Especialista em Gerência dos Serviços de Enfermagem. Prefeitura Municipal de Nova Europa.

² Pós -Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina (UEL).

³ Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

⁴ Doutoranda em Enfermagem. Universidade Estadual de Londrina (UEL).

⁵ Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

⁶ Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem. Universidade Estadual de Londrina (UEL).

RESUMEN

Objetivo: desvelar los sentimientos de placer y sufrimiento de los trabajadores que han sido readaptados después de un accidente laboral. **Métodos:** investigación cualitativa realizada con seis trabajadores readaptados de una universidad pública. Los datos se recopilaron mediante entrevistas semiestructuradas, se sometieron a análisis de contenido y se analizaron a la luz de la Psicodinámica del trabajo de Dejourian desde las precategorias: sentimientos de placer y sufrimiento de los trabajadores readaptados después de un accidente de trabajo. **Resultados:** el placer estuvo relacionado con el apoyo recibido por los compañeros de trabajo, el reconocimiento de las nuevas actividades y su capacidad para trabajar. El sufrimiento provino de la devaluación del trabajador por parte de la institución, la sobrecarga de trabajo, la insuficiencia de los deberes y la no aceptación de las limitaciones por parte de los miembros del equipo. **Conclusiones:** los informes de conocimiento resultantes de los procesos de readaptación funcional debidos a accidentes laborales permiten la planificación de acciones de vigilancia que promueven la salud y el placer en el lugar de trabajo. **Descriptor:** Empleos subvencionados; Salud laboral; Emociones.

INTRODUÇÃO

O acidente do trabalho abrange o acidente típico por causas súbitas ou inesperadas, o acidente de trajeto e as doenças ocupacionais, sejam elas desencadeadas pelo exercício do trabalho ou adquiridas pelas condições em que o trabalho é realizado. Em relação à sua definição “*acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho [...], provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho.*”¹

Estudos demonstram que os acidentes do trabalho estão entre os principais motivos de mortalidade, incapacidade, adoecimento e de afastamento temporário dos trabalhadores, sendo considerados como um dos mais importantes problemas de saúde pública

em nível mundial, pelos elevados custos individuais, sociais e econômicos.²⁻³ No Brasil, ao longo dos anos, observou-se um aumento gradual do número dos acidentes de trabalho registrados no Instituto Nacional do Seguro Social, sendo que, em 2013, a maior incidência de casos foi relacionada aos ferimentos e fraturas dos membros superiores e inferiores, e as doenças osteomusculares, como as sinovites, as tenossinovites e as dorsalgias.⁴

O retorno ao trabalho após o acidente tem sido considerado um grande desafio na área de saúde do trabalhador, pois apresenta elementos que podem se constituir em facilitadores ou barreiras como a dor, os fatores psicossociais, a demanda do trabalho, o tempo de afastamento e o apoio social e

organizacional, o que demanda a elaboração de políticas intersetoriais.⁵

Trabalhadores que apresentam alterações físicas e/ou mentais após acidentes ocupacionais podem evoluir com limitações que levam a restrições temporárias ou permanentes, impossibilitando-o de exercer as atribuições do cargo para o qual foi nomeado. Assim, torna-se necessária a implementação de medidas preventivas que ajudem a minimizar o estresse nos servidores, como o dimensionamento adequado de recursos humanos.⁶

Diante do exposto, a readaptação se constitui em um momento que o trabalhador vivenciará uma nova situação em sua vida profissional, na qual poderá emergir novos sentimentos e mudanças a serem enfrentadas. Assim, emergiu o seguinte questionamento “quais os sentimentos de prazer e de sofrimento vivenciado por trabalhadores readaptados após acidente do trabalho?”. Acredita-se que investigar as repercussões deste processo na perspectiva do trabalhador poderá permitir a elaboração de estratégias pelos gestores e pelos próprios trabalhadores, bem como subsidiar o aprimoramento de Programas de Retorno ao Trabalho, a fim de contribuir com o bem-estar biopsicossocial destes indivíduos.

Assim, este estudo teve por objetivo desvelar os sentimentos de prazer e sofrimento de trabalhadores readaptados após acidente do trabalho.

MÉTODOS

Pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa realizada em uma universidade pública do sul do Brasil. Trata-se de uma instituição de ensino superior com 1682 docentes e 3841 agentes universitários, em maioria, servidores públicos concursados.

Os possíveis participantes de pesquisa foram identificados por um levantamento junto ao Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho da instituição em estudo, buscando-se identificar os registros de acidentes do trabalho ocorridos no período de janeiro de 2009 a dezembro 2013, e que resultaram em readaptação funcional.

Obteve-se um total de 10 trabalhadores readaptados, e, portanto, todos foram convidados a participar desta pesquisa; contudo, quatro recusaram-se. Os dados foram coletados mediante seis entrevistas semiestruturadas individuais, no período de junho a julho de 2014, por meio das quais o objetivo proposto foi atingido. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos, foram audiogravadas

e realizadas em locais e horários previamente definidos pelos participantes.

O roteiro de entrevista foi composto por questões fechadas para caracterização dos entrevistados, e, com o intuito de desvelar o objeto de estudo utilizou-se a seguinte questão: “*Quais os sentimentos relacionados à readaptação funcional após o acidente do trabalho em sua vida?*”.

Os discursos dos participantes foram transcritos na íntegra e submetidos à análise de conteúdo, que se constitui em três etapas: na pré-análise, o corpus foi organizado por meio da leitura flutuante, sendo os dados empíricos explorados exaustivamente; na exploração do material, classificou-se o conteúdo para alcançar o núcleo de compreensão do texto e as categorias que representassem as expressões que afloraram das narrativas dos trabalhadores; por fim, procedeu-se o tratamento dos resultados, por inferência e a interpretação.⁷

Os dados foram analisados e discutidos à luz do referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho Dejouriana, que faz referência à relação entre o trabalho e as vivências de prazer e sofrimento. Para Dejours, a organização e as relações de trabalho desencadeiam sentimentos subjetivos prazerosos ou prejudiciais ao trabalhador, que tende a

reagir e buscar estratégias de defesa para permanecer no ambiente laboral de forma saudável. Contudo, quando não consegue conviver com tais fatores chegam ao adoecimento, o qual pode se manifestar por alterações físicas ou psíquicas.⁸

Para tanto, foram definidas duas pré-categorias analíticas: “*sentimentos de prazer dos trabalhadores readaptados após acidente do trabalho*” e “*sentimentos de sofrimento dos trabalhadores readaptados após acidente do trabalho*”. Estas foram elencadas em concordância com o objetivo do estudo e referencial teórico adotado.

O desenvolvimento do estudo respeitou as exigências éticas da resolução brasileira de pesquisas envolvendo seres humanos, tendo início mediante aprovação do comitê de ética conforme parecer número 736.639. Todos os entrevistados anuíram sua participação mediante a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para preservar o anonimato, cada participante recebeu um código alfanumérico, composto da letra inicial da palavra trabalhador seguida pelo número de ordem do depoimento (T1, T2).

RESULTADOS

Os participantes da pesquisa pertenciam predominantemente ao sexo feminino, com idade média de 52,3 anos e

tempo médio de trabalho na instituição de 17 anos. Quatro ocupavam cargos no setor administrativo e dois no setor assistencial de enfermagem. Quanto às causas dos acidentes de trabalho que desencadearam os processos de readaptação funcional verificou-se lesão por esforço repetitivo, lesão em coluna, queda, fratura e complicações dermatológicas.

As narrativas dos trabalhadores entrevistados possibilitaram identificar os sentimentos de prazer e de sofrimento vivenciados após o acidente do trabalho, os quais foram apresentados por meio das categorias a seguir:

Sentimentos de prazer dos trabalhadores readaptados após acidente do trabalho

Os entrevistados evidenciaram o prazer ao retornar ao trabalho após o acidente e a importância do reconhecimento na nova função, conforme exemplificado a seguir:

Fui bem acolhida. Fiz mudanças nos arquivos e trouxe melhoria para o serviço. Me senti bem ao ver meu trabalho dando bons resultados. (T1)

Me senti bem porque pude fazer o que sei fazer. Atualmente me sinto ótima! (T5)

[...] vejo a readaptação como uma chance do funcionário ser visto como útil novamente para alguma coisa. (T6)

Aos poucos as pessoas foram percebendo a minha condição, me ajudaram e eu pude

evoluir [...] Sei que ajudo com meu trabalho e não me tratam com diferença [...] Eu me encontrei na nova função. (T2)

Sentimentos de sofrimento dos trabalhadores readaptados após acidente do trabalho

Nesta categoria, o sofrimento dos trabalhadores esteve relacionado aos sentimentos negativos de medo do desconhecido e de não ser reconhecido na nova função, como manifestado nos seguintes discursos:

Quando a gente chega [no novo trabalho] tem receio e não sabe como vai ser. (T1)

Eu pensei até em sair daqui, a princípio [...], mas daí eu pensei: isso não é justo, porque essa instituição é muito grande e tem muito lugar para eu trabalhar! (T3)

Quando eu mudei fiquei muito chateada [...]. Eu gostava do que eu fazia. Daí você fica se sentindo meio inútil [...], até se adaptar a outra [atividade] e as pessoas te darem valor. (T3)

Também se identificou que a organização institucional perante a readaptação funcional foi fonte de sofrimento. Os participantes indicaram os sentimentos de desvalorização do trabalhador, sobrecarga de trabalho, despreparo dos gestores setoriais e profissionais de recursos humanos para o gerenciamento da equipe que receberá o trabalhador readequado. Nesse sentido, alguns relataram:

É a gente que vai atrás, procurar para onde que vai, porque a empresa também não se envolve não. [...] fica mais por conta da gente mesmo. (T1)

Quando eu trouxe a carta para a chefe, ela até achou um pouco ruim; falava que não tinha outro serviço para me colocar [...] eu fiquei decepcionada. (T4)

Eu era técnica administrativa e eles me colocaram para fazer separação de medicamentos. [...] sempre penso em todo o meu conhecimento, ali desperdiçado [...] afinal eu tenho curso superior (T5)

Além disso, relataram que mesmo depois de readaptados as atividades exercidas ainda não eram adequadas às suas limitações, sendo necessária uma nova alteração de função. Fato que também gerou sofrimentos, conforme evidencia o relato a seguir:

Eu fiz duas adaptações: no primeiro setor eu trabalhei com outras duas funcionárias, foi muito 'tranquilo'! Nós dividimos no setor conforme as instruções. Fui bem! [...] Sai de lá, porque precisava de mais cuidados com a minha saúde; e vim para o setor atual, que também foi 'supertranquilo'. A funcionária estava atarefada e eu vim realmente para trabalhar, não foi para ficar 'encostada', entende? (T6)

Na perspectiva dos entrevistados, na maioria das vezes, a equipe de trabalho não compreende a readaptação funcional e as limitações do trabalhador, tornando este

processo mais doloroso, conforme identificou-se nas narrativas a seguir:

É muito triste! Sempre tem os colegas que não aceitam, que acham que você está sendo privilegiada [...]. As vezes não verbalizam, mas você percebe pelos olhares e posturas. [...] poucos colegas se lembram da minha condição. [...] sinceramente tem dias que dá vontade de pedir exoneração. (T2)

[...] mas é muita cobrança [...] porque é um estresse, por você ser readequada eles acham que você tem que fazer tudo. (T3)

As primeiras pessoas que 'criam caso' são as pessoas de onde você trabalha [...] ouvia comentários que a minha doença é frescura, que se fosse grave eu teria me aposentado. [...] então sair de lá já foi um alívio. (T6)

[...] ainda bem que a gente tem amigos fora daqui [...] porque você se sente realmente abandonada, no meio da rua mesmo. (T1)

DISCUSSÃO

Alcançar o prazer após a readaptação decorrente de um acidente do trabalho consiste em um desafio para os trabalhadores. No presente estudo observou-se que o apoio dos membros da equipe foi um fator que contribuiu positivamente para se adaptarem a esse processo. Esse resultado remete ao fato de que o bom relacionamento interpessoal e a valorização do outro favorece o desenvolvimento da humanização entre os trabalhadores e, assim, propicia a construção de um ambiente laboral saudável para a atuação profissional⁹, de

forma a facilitar o enfrentamento de tal situação.

Além disso, os trabalhadores expressaram que o reconhecimento pelos colegas de trabalho também constituiu um fator gerador de prazer após a readaptação funcional. Revisão crítica de literatura identificou que o acolhimento e reconhecimento por parte dos membros da equipe atuaram como facilitadores no processo de retorno às atividades laborais para indivíduos acometidos por distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho.⁵

Para Dejours, o reconhecimento gera segurança e promove a realização do ego do trabalhador, compreendido como uma retribuição simbólica do trabalho realizado que, dessa forma, representa uma fonte de prazer.¹⁰⁻¹¹ Portanto, favorece a manutenção da saúde mental dos trabalhadores, além de impulsionar mudanças organizacionais¹², sendo fundamentais para a adaptação do servidor readaptado após um acidente do trabalho.

Ao realizar o trabalho o indivíduo apresenta necessidade de reconhecimento, pois é a partir de então que as demais cargas frágeis deste processo serão aliviadas, uma vez que as decepções e angústias também serão condecoradas. Nesse momento, o trabalhador pode encontrar a relação positiva que possui com seu trabalho.⁸

O retorno ao ambiente laboral, mesmo após vivenciar um acidente do trabalho, pode torna-se prazeroso a partir do momento que o trabalhador passa a se sentir novamente útil ao desempenhar uma nova função. Nesse contexto, o prazer no retorno ao trabalho dependerá do significado que o mesmo atribui a essa atividade, bem como os sentimentos despertados que perpassam os campos cognitivo e emocional.^{5,11}

A Psicodinâmica do Trabalho enfoca a necessidade que o homem apresenta de conquistar alteridade a partir de seu trabalho e, assim, formar sua identidade ao longo da vida. A real sensação de viver sobre um constante processo de avaliação faz com que os indivíduos constituam sua singularidade conforme os diversos processos de trocas nas relações cotidianas.^{11,13}

No decorrer de sua trajetória profissional, os trabalhadores buscam o equilíbrio entre o sadio e o insano. Dentre esses dois paradoxos está o sofrimento, resultado das coerções no ambiente de trabalho, que tendem a excluir ou remanejar indivíduos em situação de inaptidão. A dificuldade em alcançar tal equilíbrio contribui para a ocorrência da doença laboral, a qual pode ser evidenciada primariamente por alterações psicológicas, antes mesmo de manifestações físicas.¹¹

O sofrimento presente nos relatos indica que questões como a exclusão e depreciação associaram este momento às situações negativas que marcaram esta fase profissional. Portanto, evidenciou-se que a readaptação funcional pós-acidente do trabalho também foi marcada por um estresse psicológico, caracterizado pelo confronto interno frente às limitações de sua nova condição laboral.¹⁴

Os trabalhadores manifestaram o medo em desempenhar novas atividades e adaptar-se ao desconhecido. O retorno ao trabalho após um período de afastamento pode ser acompanhado por um sentimento de cautela, relacionado à insegurança em conseguir desempenhar as atividades, incertezas quanto ao seu bem-estar e saúde física ou mental¹⁵, situação que pode ser intensificada quanto envolve novas funções, não executadas previamente.

Alguns relatos apontaram a ausência de apoio da equipe como geradora de instabilidade no desempenho profissional e causadora de retração perante a nova equipe. Logo, o cotidiano profissional tende a ser prejudicado à medida que o trabalhador se sente insuficiente para o processo de evolução profissional.^{14,16}

Para Dejours¹¹ existem algumas dimensões no ambiente de trabalho que não podem ser totalmente indicadas e

impostas pelo gestor, pois dependem, primeiramente, da disponibilidade dos envolvidos. Entre elas, a cooperação entre os trabalhadores e a motivação subjetiva, que consiste em propor aos trabalhadores relações de confiança; contudo, o real envolvimento dependerá de fatores éticos e, até mesmo, afetivos.

Ressalta-se a importância dos gestores implementarem programas de monitoramento do trabalhador após o retorno ao trabalho. A adoção de tal estratégia pauta-se no fato de que muitos indivíduos podem apresentar dificuldades em executar as atividades designadas, além de buscar evitar que desempenhem a função anterior, a qual pode ser inadequada em decorrência do atual estado de saúde.¹⁷

Nesse sentido, observa-se a importância analisar as novas atividades laborais, bem como as peculiaridades dos trabalhadores readequados, a fim de proporcionar indicações assertivas aos colaboradores que se apresentem em estado de readaptação funcional. Faz-se necessário considerar as experiências prévias, a fim de melhorar o desempenho no processo de trabalho e observar as repercussões positivas tanto para o indivíduo quanto para a instituição.^{14,16}

Examinar ponderadamente as mudanças comportamentais apresentadas pelos trabalhadores que sofreram acidente

do trabalho e necessitam de readaptação funcional, inclui atentar-se para o retorno gradual às atividades, a fim de possibilitar que o readaptado elabore estratégias de enfrentamento frente ao momento de mudanças.¹⁸ Em 1987, Dejours já considerava a organização do trabalho como referência para os resultados favoráveis ou não ao desempenho psíquico do trabalhador.¹³

Na Psicodinâmica do Trabalho existe uma relação abstrata entre o ser humano e o trabalho, que perpassa os empregadores e os co-responsabiliza pela qualidade de vida e o adoecimento de seus subordinados. Tal premissa leva a refletir que os funcionários readaptados, movidos pelo desgaste deste processo e expostos ao sofrimento psíquico após acidentes ou doenças ocupacionais, podem apresentar maior propensão à dificuldade de adaptar-se ao novo.^{11,13}

Contrariamente às falas de alguns participantes, para outros, o processo de readaptação funcional foi marcado pela incompreensão dos demais colegas de trabalho em relação às limitações funcionais. Nesse sentido, ressalta-se que os indivíduos readaptados tendem a buscar estratégias individuais para se habituarem à nova rotina. Contudo, superar os preconceitos e a exclusão dos membros da equipe ainda representa um desafio,

uma vez que muitos não acreditam no adoecimento e o considera uma estratégia de fuga ao desempenho das atividades laborais.¹⁶

Mesmo que faça parte de uma determinada equipe, o trabalhador que vivencia um processo de readaptação apresenta o sentimento de exclusão e isolamento ainda na sua antiga equipe e, após ser realocado para sua nova função pode não se sentir devidamente preparado para desempenhar as atividades propostas. Muitas vezes seu trabalho será observado como de menor complexidade em relação aos colegas e isso poderá ser compreendido como a perda da própria personalidade.^{14,16}

Ao analisar a fase de sofrimento evidenciada pelos trabalhadores durante o retorno ao trabalho é necessário remeter a Dejours, que classifica os episódios de sofrimentos insuspeitos relacionados à vida humana e ao trabalho. Portanto, o sentimento indicado pelos entrevistados é discriminado como sofrimento atual, em sua dimensão sincrônica, ocorrido quando do reencontro do sujeito com o trabalho.¹⁹

Contudo, o sofrimento se origina das histórias particulares, submetendo-se ao contexto social e à construção psíquica de cada indivíduo, de forma que os relatos também indicaram o que Dejours denomina sofrimento criativo, observado

quando a pessoa que passa pelo sofrimento tende a elaborar soluções favoráveis para sua vida e, conseqüentemente, para sua saúde.¹⁹

Em meio às diversas sensações experimentadas durante o momento de readaptação funcional, o trabalhador pode chegar à superação quando percebe a harmonia entre suas novas atividades e o seu desejo subconsciente de realização, pois a carga psíquica da tarefa realizada deverá reduzir a carga psíquica do trabalho em si. A superação dependerá ainda das características individuais, que nos leva a repensar as diversas construções cognitivas.^{11,13,19}

O processo de readaptação funcional tem por intuito levar o trabalhador às novas condições laborais nas quais ele possa desempenhar com sua capacidade física atual, visando o bem-estar físico. Porém, também há que se considerar a satisfação cognitiva que será a responsável por amenizar a sensação de impotência e invalidez. Os relatos indicaram desaprovação pela ausência de apoio psicológico no momento de readaptação, no qual por vezes considera-se a comodidade física em detrimento das sensações de perda incutidas no desempenho de novas funções.

CONCLUSÕES

Observou-se que os sentimentos de prazer manifestado por trabalhadores readaptados após acidente do trabalho estiveram relacionados ao apoio recebido por colegas de trabalho e ao reconhecimento das novas atividades desenvolvidas e de sua capacidade laboral. Em contrapartida, o sofrimento foi relatado com maior intensidade nesse processo, decorrente da desvalorização do trabalhador pela instituição, sobrecarga de trabalho, inadequação de funções e não aceitação das limitações pelos demais membros da equipe.

Diante disso, reforça-se o desafio dos gestores quanto às condições adversas relacionadas à sobrecarga de trabalho e à lógica da produtividade. Ao conhecer relatos decorrentes de processos de readaptação funcional devido aos acidentes do trabalho as instituições têm a possibilidade de planejar ações de vigilância com o intuito de intervir no processo de trabalho, a fim de tornar a relação entre trabalho e saúde construtiva.

Este estudo encontrou algumas limitações durante as entrevistas quanto às diversas concepções e significados que os trabalhadores possuem quanto à temática, bem como a prevalência de visão negativa sobre o assunto. Entretanto, contribui para a prática de enfermeiros, enquanto líderes

de equipes e gestores de serviços de saúde, ao fornecer subsídios para compreender os sentimentos que permeiam o processo de readaptação funcional e planejar estratégias para gerenciar as repercussões dos mesmos tanto para o indivíduo acometido quanto para a organização que o acolhe.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Previdência Social (Brasil), Instituto Nacional do Seguro Social. Manual de acidente do trabalho. Brasília, DF: Instituto Nacional do Seguro Social; 2016[citado em 04 jun 2019]. Disponível em: <http://file.abiplast.org.br/download/2016/manualdeacidentedetrabalhoins2016.pdf>
2. Laal F, Modrek MJ, Balarak D, Mohammadi M, Rakhshani M, Rigi N. Relationship between quality of life and occupational accidents in South-East of Iran (Zahedan). *Glob J Health Sci*. [Internet]. 2017 [citado em 28 jun 2019]; 9(2):112-8. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/e5d2/82b4aa41f466012fb1a5cb77f19025295531.pdf?_ga=2.216530326.127877110.1595520855-802585737.1595520855
3. Gonzales-Delgado M, Gómez-Dantés H, Fernández-Niño JA, Robles E, Borja VH, Aguilar M. Factors associated with fatal occupational accidents among Mexican workers: a national analysis. *PLoS One* [Internet]. 2015 [citado em 02 jul 2019]; 10(3):1-19. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4366246>
4. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Brasília, DF: Ministério da Previdência Social; 2013[citado em 10 jun 2019]; 22(350):1-899. Disponível em: <http://sa.previdencia.gov.br/site/2015/03/AEPS-2013-v.-26.02.pdf>
5. Saldanha JHS, Pereira APM, Neves RF, Lima MAG. Facilitadores e barreiras de retorno ao trabalho de trabalhadores acometidos por LER/DORT. *Rev Bras Saúde Ocup*. [Internet]. 2013 [citado em 10 dez 2018]; 38(127):122-38. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbso/v38n127/v38n127a14.pdf>
6. Cacciari P, Haddad MCL, Dalmas JC. Nível de estresse em trabalhadores readequados e readaptados em universidade estadual pública. *Texto Contexto Enferm*. [Internet]. 2016 [citado em 10 jul 2019]; 25(2):1-7. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n2/pt_0104-0707-tce-25-02-4640014.pdf
7. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Persona edições; 2011.
8. Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. Psicodinâmica do trabalho: contribuição da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 2014. 145p.
9. Martins JT, Galdino MJQ, Garanhani ML, Sammi KM, Trevisan GS. Humanização no processo de trabalho na percepção de enfermeiros de unidade de terapia intensiva. *Cogitare Enferm*. [Internet]. 2015 [citado em 10 dez 2018]; 20(3):589-95. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/41521/26202>
10. Dejours CA. A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In: Mendes AM, Cruz SC, Facas EP, organizadores. *Diálogos em psicodinâmica do trabalho*. 2ed. Brasília, DF: Paralelo 15; 2016.
11. Dejours C. Análise psicodinâmica das situações de trabalho e sociologia da linguagem. In: Selma Lancman S,

- Sznelman LI, organizadores.
 Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15; 2ed. 2008. p. 245-289.
12. Mendes AM, Vieira FO. Diálogos entre a psicodinâmica e clínica do trabalho e os estudos sobre os coletivos de trabalho e práticas organizacionais. *Farol: revista de estudos organizacionais e sociedade* [Internet]. 2014 [citado em 08 jan 2018]; 1(1):144-89. Disponível em: <http://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2608>
 13. Dejours C. *A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez; 1987.
 14. Simplício SD, Andrade MD. Compreendendo a questão da saúde dos professores da rede pública municipal de São Paulo. *Psico*. [Internet]. 2011 [citado em 08 jan 2018]; 42(2):159-67. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7566/6517>
 15. Macaia AAS, Fischer FM. Retorno ao trabalho de professores após afastamentos por transtornos mentais. *Saúde Soc.* [Internet]. 2015 [citado em 08 jan 2018]; 24(3):841-52. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/104880/103673>
 16. Souza KR, Rozemberg B. As macropolíticas educacionais e a micropolítica de gestão escolar: repercussões na saúde dos trabalhadores. *Educ Pesquisa*. [Internet]. 2013 [citado em 08 fev 2018]; 39(2):433-47. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v39n2/ao_p967.pdf
 17. Simonelli AP, Jackson Filho JM, Schneider BRL, Machado DR. Retorno ao trabalho de trabalhadores com amputação de dedos em Curitiba, PR, Brasil. *Rev Ter Ocup.* [Internet]. 2016 [citado em 04 jun 2018]; 27(2):138-45. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rto/article/view/105329/116567>
 18. Noordik E, Van der Klink JJ, Geskus RB, Boer MR, Van Dijk JJ, Nieuwenhuijsen K. Effectiveness of an exposure-based return to work program for works on sick leave due to common mental disorders: a cluster randomized controlled trial. *Scand J Work Environ Health.* [Internet]. 2013 [citado em 04 jun 2018]; 39(2):144-54. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22951572>
 19. Dejours C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: Chanlat J, coordenadora. *O indivíduo na organização*. São Paulo: Atlas; 1993. p. 149-173

RECEBIDO: 29/07/2019

APROVADO: 10/12/2019

PUBLICADO: 07/2020